



OS SENTIDOS DO LER E ESCREVER NA SOCIEDADE E NA ESCOLA

BONOW, Débora Böhm¹; ROSA, Cristina Maria²

^{1,2} Dept^o de Ensino – Faculdade de Educação – FAE/UFPEL Rua Alberto Rosa, 154
CEP 96010-770 – debora.bonow@ig.com.br¹; cris@ufpel.edu.br²

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui representada buscou investigar as práticas de leitura e escrita de um grupo de acadêmicos que ingressaram na Universidade em 2005. Durante sua graduação, através de questionários e entrevistas, foram coletados dados com o objetivo de verificar as concepções que esses estudantes possuíam a respeito da leitura e da escrita, bem como as mudanças que elas viriam a sofrer no decorrer do curso. Buscou-se também observar o papel que os estudantes atribuíam a essas duas categorias primordiais à formação docente. A população alvo da investigação é um grupo de 48 estudantes de Pedagogia que concluirá o curso em dezembro de 2008.

A hipótese central da pesquisa é a de que o curso de Pedagogia oferece oportunidades para que os estudantes modifiquem suas concepções iniciais e passem a considerar a leitura e a escrita como ações fundamentais na formação e na atuação docente.

Teoricamente a pesquisa partiu do entendimento de que, além de um direito inalienável, ler e escrever são processos de “acesso aos meios expressivos construídos historicamente pelos falantes e escritores da língua” e extrapola a condição de decifrar, originando “a possibilidade de ser capaz de ler e compreender todo e qualquer texto já escrito” (NEVES, 2003). Mais que processos de aquisição individual, na Faculdade de Educação, os estudantes deveriam “aprender a ensinar”, o que pode levar o aprendiz a reconhecer a necessidade de aprender a ler o que já foi escrito e, com isso, conectar-se com a cultura escrita e sua história. Para Neves (2003) “ler o jornal, ler poemas, ler narrativas, ler leis e regulamentos, ler ensaios” são atividades que organizam as relações com o mundo lá fora, que dão concretude, qualificam e expandem limites dos sentimentos, que organizam a relação com a complexidade da vida social e que desenvolvem a racionalidade.

2. METODOLOGIA

Inserida no campo da análise qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986), a pesquisa partiu da hipótese de que o curso superior oportuniza conhecer e aprimorar conceitos, uma vez que a leitura e a escrita tanto a prévia como a que é desenvolvida nos cursos de formação têm considerável influência na atuação docente (KRAMER, 1998).

O objetivo central da investigação é evidenciar e categorizar as concepções que os estudantes apresentaram na chegada à Universidade bem como aquelas expressas ao longo dos quatro anos de formação.

Para a investigação, que tem caráter longitudinal, as coletas escritas foram realizadas semestralmente, a partir de um grupo inicial de 48 mulheres com idades

que variavam dos 17 aos 51 anos e origem étnica, estado civil, experiência escolar e pertencimento a classes sociais plurais. Essas mulheres ingressaram no Curso de Pedagogia da UFPel em março de 2005 e concluirão a graduação em dezembro de 2008.

Como procedimento anterior à primeira coleta – ocorrida em março de 2005 – realizamos a adaptação de um questionário amplo (PERES, 1999) com questões acerca de práticas de leitura e escrita. A primeira coleta - questionário adaptado – oportunizou que algumas práticas culturais dos informantes, antes do ingresso na Universidade, fossem reveladas.

Após a categorização do questionário, criamos o primeiro quadro conceitual, oriundo das respostas à questão “o que é ler/escrever?”. Esses primeiros dados orientaram as demais coletas, tanto no sentido do referencial teórico que nela foi expressado como também com relação a construção de novos instrumentos baseados nestas respostas. Coletamos semestralmente dados que expressavam concepções que foram sendo acrescentadas às anteriores e analisadas de acordo com a incidência e o vínculo teórico.

Além das respostas por escrito, organizamos entrevistas com os sujeitos que evidenciaram permanência e/ou mudança conceitual, durante parte ou todo o período em que a pesquisa se realizou. Grande parte das entrevistas já foi realizada e as demais serão concluídas ainda nesse semestre (2008/2). Sem julgamento de valor em relação à resposta dada, a nossa intenção é descrever e analisar o que se modificou e quais foram as variáveis intervenientes que motivaram ou não essa mudança.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado parcial a apresentamos dados sobre os conceitos emitidos pelas acadêmicas a respeito da “leitura” e da “escrita”, oriundos de seis coletas já realizadas.

3.1 AS COLETAS SEMESTRAIS

Os dados obtidos nas coletas escritas realizadas até o momento sobre “O que é ler?” e “O que é escrever?” foram agrupados a partir da categorização inicial (Restrito – Funcional – Amplo) e apoiadas nas concepções de estudiosos do tema como Cagliari (2005), Kramer (1998), Martins (2006) e Neves(2003).

Para Martins (2006), existem várias concepções a respeito da leitura que, *grosso modo*, podem ser sistematizadas em duas abordagens: a primeira é restrita, sinônimo de decodificação de signos lingüísticos; a segunda é ampla, significando um processo de compreensão abrangente. Em nossa pesquisa, por ter sido fortemente mencionado, em todas as coletas, acrescentamos o conceito “*funcional*” de leitura, que é aquele que se refere à leitura como condição para a aquisição de conhecimento, cultura, informação, entre outras.

O Quadro 1, a seguir, apresenta as respostas obtidas em 6 coletas, de acordo com a incidência (quantas vezes foram mencionadas):

| <i>Conceito</i> | Total |
|--|-------|
| <i>Restrito</i> - “decodificar...” | 77 |
| <i>Funcional</i> - “adquirir saberes...” | 119 |
| <i>Amplo</i> - “atribuir sentido ao lido...” | 111 |
| <i>Desistências</i> | 4 |
| <i>Transferências</i> | 6 |

Quadro 1 – Ler é...

A leitura como decodificação mecânica de signos lingüísticos, em nossa pesquisa, foi designada como “*restrito*”. Algumas das respostas recebidas e que foram agrupadas nessa concepção se referem à leitura como: ‘qualificar a escrita’, ‘decodificar’, ‘decifrar’, entre outros.

A leitura como aquisição de saberes, em nossa categorização foi nomeada de “*funcional*” e, para o grupo que se refere à leitura dessa forma, as expressões utilizadas foram: ‘ler serve para adquirir conhecimento’, ‘ler é manter-se atualizado’ e ler é ‘uma forma de adquirir cultura e conhecimento’.

A categoria nomeada como “*amplo*”, foi expressada como possibilidade de elevar “o simples mortal” à condição de um sujeito melhor, mais qualificado, mais apto a oferecer trocas qualificadas. Para indicar esse universo amplo de leitura surgiram vários conceitos, entre eles, ler é sinônimo de ‘viajar’, ‘imaginar’, ‘aprimorar o intelecto’, ‘ampliar horizontes’, ‘realizar uma leitura de mundo’, ‘apropriação de outros mundos’, ‘desenvolver a criatividade’, o ‘letramento’ e ‘ler é prazeroso’.

Com relação à escrita o Quadro 2, a seguir, apresenta a totalidade de respostas colhidas desde março de 2005 (6 coletas) de acordo com a incidência (quantas vezes foram mencionadas):

| <i>Conceito</i> | <i>Total</i> |
|-----------------------------------|--------------|
| <i>Restrito - “Codificar...”</i> | 58 |
| <i>Funcional - “registrar...”</i> | 123 |
| <i>Amplo – “criar sentido...”</i> | 106 |
| <i>Desistências</i> | 4 |
| <i>Transferências</i> | 6 |

Quadro 2 – Escrever é...

A categoria denominada “*restrito*” refere-se à idéia de que escrever é utilizar signos, compor uma união de letras, copiar. Ao se referir à escrita dessa forma as informantes deixaram transparecer que a escrita é uma representação gráfica através de signos, sem no entanto, a preocupação do entendimento ou não do que se copia ou escreve.

A referência à escrita como memória, registro e expressão foram incluídos na categoria “*funcional*” e são os que receberam uma maior quantidade de menções durante toda a pesquisa.

Um terceiro grupo de respostas está vinculada à idéia de que escrever é comunicar sentimentos. Para Barbosa (1994), a escrita “tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meios de signos”, podendo assim expressar-se, comunicar-se e registrar. Na categoria “*amplo*” (criar sentido ao escrever) as informantes se referem ao ato de escrever como algo único, como autoria, como lazer. Outro autor que percebe a escrita dessa forma, Cagliari (2005) afirma que ela deve ser entendida como “forma da expressão individual de arte, de passatempo” além do seu reconhecimento como necessária na sociedade e na escola.

3.2 - AS ENTREVISTAS

As entrevistas que partiram do confronto entre o que o sujeito pensa no presente (argumentos que utilizou oralmente) e o que escreveu até então (que lhe foi oferecido impresso) têm o intuito principal de averiguar com mais profundidade as respostas até agora obtidas, além de localizar os mecanismos que podem ter influenciado mudanças ou permanências (professores, textos lidos, participação em

projetos de ensino, pesquisa e extensão, cursos e viagens realizadas e demais trocas possíveis no ambiente universitário).

Como respostas a essas indagações, nas entrevistas até agora realizadas, colhemos três tipos de explicação: 1) modificaram suas respostas de acordo com textos e livros lidos no semestre em que a coleta foi realizada; 2) modificaram radicalmente suas concepções após terem convivido com um professor em sala de aula e em projetos de extensão; 3) não atribuem ao curso a capacidade de modificar o que pensam;

4. CONCLUSÕES

Todas as conclusões que a investigação até agora originou indicam que houve mudança conceitual. Isso significa que as depoentes confirmaram parte da hipótese central da pesquisa, ou seja, o curso de Pedagogia oferece oportunidades para que os estudantes modifiquem suas concepções iniciais em relação a leitura e a escrita. No entanto, ainda não foi averiguada nenhuma manifestação no sentido de que a leitura e a escrita são “preponderantes na formação e atuação docente”, o que confirmaria a hipótese inicial em sua totalidade. No entanto, durante as entrevistas ouvimos que pesquisas desse cunho são de fundamental importância para a qualidade dos cursos de formação.

Acreditamos, diante dos resultados obtidos, que temos condições mais amplas de compreender onde e como podemos intervir na formação para que os estudantes passem a tratar a leitura e a escrita não apenas como conceitos primordiais à formação mas, preponderantemente, como elementos constitutivos de nossas práticas culturais, tanto na escola como nas sociedades. Pensamos que a oportunidade de presenciar e usufruir de momentos de leitura em sala de aula oferecem um contraponto importante à formação de crianças e de professores, no sentido de ampliar conceitos e práticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. SP: Scipione, 2005.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar. Um diálogo entre a teoria e a prática**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2005.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003
- FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo. Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 25ª ed. Editora Cortez. São Paulo, 1991.
- KATO, Mary. **No_Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolingüística**. Ática. São Paulo, 2003.
- KRAMER, Sônia. **Leitura e Escrita de Professores**. Revista Brasileira de Educação. ANPED, no.7, 1998.
- LÜDKE & ANDRÉ. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Brasiliense. São Paulo, 2006.
- NEVES, Iara. **Ler e Escrever: Compromissos de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- PERES, Eliane Teresinha. **Questionário sobre Práticas de Leitura e Escrita de Crianças e Famílias**. (Documento Didático). Pelotas, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Contexto. São Paulo, 2003.